

OS PERCURSOS DA MEMÓRIA E IDENTIDADE NA OBRA *SE A MEMÓRIA NÃO ME FALHA*, DE SYLVIA ORTHOF

Silvana Augusta Barbosa Carrijo¹
Fabrícia dos Santos Silva Martins²
Lilian Rosa Aires Carneiro³

RESUMO

Tencionamos nesse estudo realizar uma análise crítica de *Se a memória não me falha*, obra em que Sylvia Orthof se aventura na escrita de si e de suas experiências de vida. Propomo-nos uma apreciação da narrativa, perpassando por questões como identidade e memória (individual e coletiva), sendo esta última um exercício de preservação, retomada e reconstrução das experiências vividas através do resgate memorialístico. Acessaremos, para tanto, pressupostos teóricos de Pollak (1992), Klinger (2007), Lejeune (2008) e Xavier (2013) analisando como, através da linguagem, as identidades se delineiam, auxiliando na construção e manutenção da história de um indivíduo, grupo ou povo.

Palavras chave: Identidade, memória, resgate, Sylvia Orthof.

Que raio de livro é esse? Tem algo a ver com memórias...

Ao se aventurar no intenso universo da escrita de si, Sylvia Orthof apresenta ao leitor um emaranhado de aventuras e desventuras de sua vida. Na obra, escrita em primeira pessoa, em que se nomeiam todos os personagens que da realidade transitam para o universo literário, a autora vai delineando as experiências e interações que viveu, respeitando, contudo, todos os pormenores relativos ao universo da memória, tais como as incertezas, as brechas e os apagamentos comuns que o tempo imprime sobre elas, além da imaginação, que faz seu papel de preencher certas cenas que já não estão tão claras afinal.

¹ Doutora em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e Pós-Doutorado na UNESP/Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Professora Associada III da Universidade Federal de Goiás Regional Catalão, atuando nos cursos de Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (Mestrado e Doutorado). E-mail: silvana.carrijo@gmail.com

² Doutoranda no Programa de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFG-RC/UFCAT em implantação). Mestre em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFG-RC). Professora efetiva da Secretaria de Educação do Estado de Goiás/SEDUCE. E-mail: fabricia.ss.martins@gmail.com

³ Doutoranda no Programa de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFG-RC). Mestra em Estudos da Linguagem, possui Especialização em Letras - Leitura e Ensino e graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (2003). E-mail: lilian.rosairescarneiro@gmail.com

Visto que a autobiografia não é um jogo de adivinhação, mas exatamente o contrário disso, a possibilidade de identificação que encerra o nome presente na narrativa confere o *status* de real ao texto autobiográfico. Neste sentido, tal característica se torna a marca que estabelece a relação entre leitor e autor que, por sua vez, vem a ser sugerido por Lejeune nos termos do que passa a ser concebido por *pacto autobiográfico*. O referido pacto é um gesto contratual que reassegura a condição de veracidade circunscrita às formas autobiográficas; desse modo, fica estabelecida então “a ideia do pacto autobiográfico entre autor e leitor, desligando assim a crença e verdade: ‘Pacto (contrato) de identidade selado pelo nome próprio’” (ARFUCH, 2010, p.53 *apud* SANTOS; TORGA, 2020, p. 130).

Esclarecida tal definição, afirmamos que em *Se a memória não me falha*, Orthof estabelece um pacto autobiográfico muito claro com o seu leitor. No início da narrativa, enquanto reflete acerca da busca pelo título da obra, a autora afirma que irá tratar de suas memórias, mas já antecipa que nelas existem falhas: “Que raio de livro é esse? Tem algo a ver com memórias, mas são umas coisiquinhas curtas, com verdades e fantasias, saltos no tempo. Havia um ponto em comum: as falhas. Aí surgiu o nome: *Se a memória não me falha*” (ORTHOF, 2012, p. 7).

Desse modo, para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que exista, ali, a relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem* (LEJEUNE, 2008, p. 17-18). Neste sentido, tal qual afirma Lejeune, “o pacto autobiográfico” é firmado entre escritor/leitor através da identidade do nome entre autor-narrador-personagem, “a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro” vai definir a legitimidade do acordo que está sendo estabelecido (LEJEUNE, 2008, p. 26). Posto é o que podemos perceber desde o início da narrativa: Fiquei um tempão matutando: / – Sylvia, qual vai ser o nome deste livro? [...] / Hoje, de repente escritora, arregalo os olhos de espanto. Minha coroa não tem folhas de louro, é de lata. Como sou carioca, tenho o carnaval em mim [...] (ORTHOF, 2012, p. 7).

No trecho acima transcrito, o pacto autobiográfico se estabelece com o leitor, uma vez que o nome próprio da autora aparece explicitamente. Fato evidenciado em diversas passagens da narrativa, em que a escritora se coloca em primeira pessoa no

discurso apresentado. Tal qual acontece quando dona Lídia fala diretamente com a menina Sylvia, tentando convencê-la de que o sentimento de inferioridade que a assombra é uma construção própria, uma situação imposta por ela mesma: “– Sylvia, você é um pouco magrela, mas pode ficar bonitinha. Aliás, olhando bem, você é bonita, só que, quando Eva chega, você assume ser o patinho feio, entende? Eu vou te arrumar para o próximo baile, vou fazer de você uma princesa, ora vou!” (ORTHOF, 2012, p. 19-20).

Imprimindo na narrativa certas passagens da própria vida de maneira clara e pessoal, Orthof legitima o caráter autobiográfico do texto e permite a construção desse universo de intimidade com seu leitor, como se fossem dois velhos amigos na varanda de suas casas compartilhando momentos da vida. O mesmo ocorre quando a autora relata o instante em que sua mãe tenta lhe explicar como é que nascem crianças, depois que as pessoas se casam; novamente, temos a afirmação dessa identidade, remetendo ao nome do autor, escrito na capa do livro: “– Sylvia, vou explicar: quando um homem se aproxima muito de uma mulher... mas chega mesmo MUITO, MUITO PERTO... pertíssimo, entende? Aí, a mulher fica grávida. Entendeu? Tem mais alguma dúvida?” (ORTHOF, 2012, p. 25-26).

O pacto autobiográfico recria esse universo de intimidade entre autor/narrador/personagem e o leitor, uma relação que permite ao escritor se colocar no texto e demonstrar os pormenores de sua história, a vida, família, suas experiências. Nesse percurso da escrita de si, obedecendo às regras que Sylvia Orthof estabelece, temos a possibilidade de conhecer aspectos pessoais da vida dela, tais como encontramos nas seguintes passagens:

Sou filha de austríacos, nascida no Rio. Da Áustria, só herdei os cabelos louros... pintados! Sou morena de verdade. (ORTHOF, 2012, p. 8)

Nasci em setembro de 1932 e se alguém quiser me mandar um presente, aceito. Pode mandar no dia 3. Porque essa tal de bestagem de não dizer a idade, graças a vida, não tenho. [...] Foi assim que, por causa de um esquema fora de compasso, de repente, virei escritora. (ORTHOF, 2012, p. 11)

– Oi, Sylvia Orthof, como vai você? Como vai sua mãe a dona Trude? Uma simpatia sua mãe. E como vai o seu pai, o Geraldo Orthof?. (ORTHOF, 2012, p. 83)

– Eu moro na rua Cardoso Júnior, nas Laranjeiras. Por aqui, na nossa rua, tem um bloco, o Cardoso. (ORTHOF, 2012, p. 85)

Ambos os trechos acima escritos trazem elementos que confirmam que autora e personagem são a mesma pessoa, visto que é fácil confirmar tais afirmações ao consultar qualquer biografia de Sylvia Orthof, seja a data de nascimento, nome dos pais ou origem. Desse modo, o pacto se confirma e é reafirmado no decorrer da narrativa, seja pelo uso do discurso em primeira pessoa, pela presença do primeiro nome da autora enunciado pelos demais personagens ou por mencionar situações e informações reais, passíveis de serem confirmadas pelo leitor, sobre a vida de Sylvia.

Toda essa atmosfera de intimidade e confissão criada nos leva a outro ponto relevante: a questão da linguagem intimista e brincalhona com que se constrói o diálogo nessa relação. Tal universo instituído entre autor/narrador e leitor propicia uma leitura íntima e leve, logo, depois de declaradas as regras desse diálogo, a protagonista inicia sua carreira de contadora de si: “Vou começar minha carreira de contadora de mim com a história do primeiro beijo. Tem a ver com todo o resto, talvez até com essa minha louca e frenética doidice de escrever, como quem se entrega à pesca da palavra exata” (ORTHOF, 2012, p. 12).

Nesse momento, cabe ressaltar que a obra em análise se inscreve no campo das narrativas juvenis, um campo ainda em consolidação no que tange aos estudos e à crítica literária, passível, ainda, de inúmeras considerações. Contudo, tentar enquadrar o texto em “caixinhas” nos parece um pouco pretensioso, visto que a literatura e os leitores são bastante divergentes e, circunscrevê-los em grupos homogêneos, faz-nos desconsiderar todas as suas peculiaridades. Então, uma literatura de qualidade tem que respeitar e considerar todos esses pormenores. Como salienta Ceccantini:

[...] quanto à literatura juvenil e à especificidade do gênero, é ainda bastante provisória a busca de sentidos para essa produção literária peculiar, em princípio voltada à faixa de leitores que, a partir do início do século XX, constitui esse terreno vago, impreciso e mítico que tem sido denominado “adolescência”, na medida em que ainda não possuímos um objeto claramente delimitado e uma metodologia plenamente estabelecida para sua abordagem. (CECCANTINI, 2010, p. 82)

Desse modo, podemos depreender que esse terreno da literatura juvenil (LJ) é consideravelmente novo, além disso, é possível levantar outra importante questão: a pluralidade que permeia esse grupo. Há uma diferenciação considerável quando se analisa a realidade dos indivíduos que se encaixam na faixa etária denominada juvenil, uma vez que, enquanto encontramos crianças de oito anos que já trabalham para ajudar a sustentar suas famílias, existem aqueles de vinte que nunca nem pensaram em trabalhar. Então, como encaixá-los em um mesmo universo? (AZEVEDO, 2006).

Para se produzir uma literatura juvenil de representatividade, há de se considerar essas peculiaridades, tal qual ocorre em *Se a memória não me falha*, em que a autora trata dos mais variados assuntos de sua história e das ansiedades comuns a muitos adolescentes e jovens. A narrativa traz uma leitura de mundo compreensível na perspectiva adolescente, nesse universo de inconstâncias e mudanças significativas, em que todas as emoções estão em xeque. Até mesmo essa alternância de momentos, essa ausência de linearidade dos relatos, pode impactar esse potencial leitor, demonstrando, nas diversas passagens, o encontro de universos distintos, na inconstância da memória, que se aproxima oportunamente da inconstância da vida, tal como consideramos a “adolescência/literatura juvenil como espécie de zona de fronteira, espaço intermediário e transitório no qual frequentemente afloram vetores de sentido oposto” (CECCANTINI, 2010, p. 82).

Embora os relatos de Sylvia sejam bem específicos de sua origem cultural e social, as temáticas assumem esse importante caráter humanizador, visto que posto de lado a questão específica dos contextos econômicos, percebemos o acesso a vários assuntos caros aos leitores, como: o crescimento, a busca por entendimento de suas próprias origens, dentre outras coisas. Desse modo, cria-se uma narrativa que permite entender essa faixa etária “juvenil” em sua heterogeneidade, uma vez que não há razão em circunscrever um público tão distinto sob uma categoria única sem considerar a diversidade, que encontramos, inclusive, em nosso país, onde crianças pequenas são obrigadas a trabalhar para ajudar a prover o sustento da casa e, em outros contextos, muitos jovens passam a maior parte da infância e adolescência focados em seus estudos (AZEVEDO, 2006). Dessa forma, ao levar em consideração essa diferenciação e negar

essa visão única da realidade, a literatura cumpre seu papel de arte libertadora que se afasta do ideal de padronização ilusório.

Desse modo, ao se falar de LJ, mais do que em procurar marcas literárias, elencando os traços específicos dessa literatura, os autores da LJ se aplicaram em estabelecer estas características próprias, tais como “o protagonismo de crianças e jovens, a flexibilidade especial das possibilidades dos acontecimentos narrados, determinados elementos recorrentes nas tramas (a prova, a viagem através do tempo, golpes de sorte e formas distintas de iniciação à idade adulta)”, dentre outros (COLOMER, 2003, p. 51).

Nessa perspectiva, apresentada por Tereza Colomer, cabe-nos reafirmar que a obra em análise vai ao encontro de uma das temáticas mais acessadas pelo campo da LJ: a memória. E Sylvia Orthof o faz com maestria através do relato da vida e experiências da protagonista, trazendo, ao centro suas ansiedades, as falhas, as inconstâncias e as intensas relações familiares e sua organização. Esse último é um dos temas recorrentes nessas produções, como nos elucida Alice Gomes Xavier em seu estudo *O labirinto da memória: memória e esquecimento em obras da literatura juvenil brasileira*, ao afirmar que:

Situações familiares problemáticas são evidenciadas nas obras, além de questões históricas acerca da família, do papel da mulher na sociedade e as transformações sofridas tanto psicologicamente quanto socialmente. Neste mesmo espaço, as imagens da memória e do esquecimento são frequentes, porque contribuem na compreensão dos conflitos e no resgate da identidade. Porém, embora sejam muito estudadas na literatura, estas imagens ainda carecem de estudos e análises no âmbito da literatura infanto-juvenil. (XAVIER, 2013, p. 15)

As imagens da memória têm grande importância na construção dessa literatura potencialmente destinada aos jovens, uma vez que contribuirão para o entendimento dos conflitos que tanto atingem essa fase de transição intensa entre a infância e a vida adulta, além deste ser um elemento essencial no resgate identitário do sujeito, que discutiremos mais adiante.

Embora tratemos nessa análise a obra de Sylvia Orthof como pertencente à classificação LJ, cabe a nós, nesse momento, apresentar o posicionamento da autora no

que diz respeito a essa classificação. Segundo ela, esse livro foi escrito para adolescentes, pois as editoras andam querendo textos para jovens, mas em sua opinião “isso não existe [...] Livro para jovens, ou livro para adulto, é tudo o mesmo. Vale se for bom” (ORTHOF, 2012, p. 105). A reflexão proposta pela autora é bastante válida, visto que uma obra de notória qualidade literária será lida com prazer por qualquer leitor que queira se aventurar por aquele universo.

Certamente, as editoras irão declarar que determinada obra é potencialmente destinada a tal público, o que não impede que outros grupos de diferentes faixas etárias se apaixonem por eles. Que adulto ou jovem não se encantaria por *Uma, duas, três princesas*, de Ana Maria Machado, ou que criança/jovem com maior experiência leitora não ficaria instigado ao ler as aventuras de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes?

Diante dos apontamentos acima relacionados, considerando que a obra *Se a memória não me falha* Sylvia Orthof é potencialmente pertencente ao universo da LJ e asseverando sua qualidade enquanto literatura emancipatória, nos convém adentrar no tema mais intenso da narrativa: as memórias. Sendo este um texto em que a autora/narradora/protagonista se aventura como contadora de si, trataremos de falar dessas “coisiquinhas curtas, com verdades e fantasias, saltos no tempo (ORTHOF, 2012, p. 7)” e um ponto em comum: as falhas.

“Vou começar minha carreira de contadora de mim”: as escritas de si e a memória

Propondo aventurar-se por essa carreira de contadora de si, Sylvia Orthof acessa as mais variadas situações de sua vida. Todas essas lembranças relatadas em seu livro vão demonstrando a profunda relação existente entre as memórias e a identidade do indivíduo. Nas palavras de Alice Xavier (2013), é a memória que faz o homem e constrói sua identidade, a partir dela que se armazenam as representações mentais do passado e se esquematiza o conhecimento. A memória “é uma faculdade cognitiva essencial por fundamentar a aprendizagem humana, numa relação entre o tempo e a realidade, a busca de identidade e a evolução do mundo, a consciência histórica e a luta contra o esquecimento” (XAVIER, 2013, p. 18).

Por meio das descrições dos eventos que passam a compor a obra, vamos identificando tanto os traços individuais da narradora/personagem quanto descobrindo

os aspectos da identidade coletiva da época: “Naquele tempo, as mocinhas de 15 anos eram mocinhas e iam ao teatro com as mães. Foi em 1948, por aí. Se as contas estiverem erradas, tanto faz. A memória se confunde com o pensamento” (ORTHOF, 2012, p. 12), assim, as memórias individuais de Sylvia se entrelaçam às memórias de nossa história coletiva.

Além de ressaltar a ideia de um comportamento social das mocinhas de 15 anos, podemos depreender das colocações aqui apresentadas que existem lacunas nas lembranças e consolidações dessa memória, expondo sua inconstância, e, como diz a protagonista, “a memória se confunde com os pensamentos”. Assim, na inconstância da memória, a imaginação preenche as lacunas; a autora deixa clara a ausência de certezas sobre suas lembranças: “Morava num casarão, na rua Marquês de Olinda, junto com um primo, também colega nosso: Guerrino. *Acho* que era assim, *talvez esteja confundindo*” (ORTHOF, 2012, p. 18).

Ao imergir nas águas profundas de suas recordações (memória individual) a narradora/personagem vai esboçando aspectos relevantes da memória de seu povo e de seu país, que são mantidas, também, pelos olhos dela. Nessa tentativa de preservação de sua própria história, o contar sobre si também se torna ferramenta importante na manutenção das narrativas sociais. À medida que descreve suas próprias experiências, percebe-se a construção de um cenário social, estrutural e comportamental dessa época, como por exemplo, de que maneira e sob quais preceitos viviam as jovens meninas, como eram vistas pelos olhos adultos ou mesmo quais eram as dificuldades e desafios enfrentados por aquela sociedade ou grupo naquele tempo.

Ao se tornar escritora de si, Sylvia nos relata não só as aventuras e desventuras da sua vida, ela nos apresenta um território fértil que explicita diversas questões sociais e históricas. Um dos momentos narrados que exemplificam tal afirmação é a descrição da realidade do governo Getúlio, ou a Segunda Guerra Mundial, situações essas que os afetaram diretamente - sobre tais implicações discutiremos adiante. A autora/narradora/personagem, ao passo que revela as minúcias da vida de sua família, constrói um importante documento histórico, um relato de uma sociedade. Assim, a literatura funciona “como uma forma de expressão artística da sociedade possuidora de

historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico” (BORGES, 2010, p. 94).

Embora não nos interesse aprofundar nas questões teóricas relativas a essa relação, essa ressalva se mostra pertinente, visto que todo relato de experiência é, até certo ponto, expressão de uma época, uma geração, uma classe. No entanto, cada narrativa de si se posiciona de diferente maneira segundo a ênfase que coloque na exaltação de si mesmo, na autoindagação, ou na restauração da memória coletiva (KLINGER, 2007).

Ao rememorar suas histórias, Orthof contempla alguns acontecimentos significativos da memória brasileira: “Para quem não viveu naquela época e pode estar misturando história, bem, Lacerda era adversário feroz de Vargas” (ORTHOF, 2012, p. 32). Revivendo lembranças de sua fase escolar, a narradora/personagem conta como era a realidade brasileira no momento em que Getúlio Vargas ocupava a Presidência, evidenciando as tensões daquele momento: “E Vargas chegou ao suicídio por causa da tal luta ferrenha entre os dois lados: o dos lacerdistas e o dos getulistas, com uns tantos outros podres palacianos” (ORTHOF, 2012, p. 32). As memórias narradas pela voz da protagonista vão, aos poucos, desenhando a sua história e evidenciando o painel de uma realidade social (memória individual x memória coletiva).

Embora pareça algo tão próprio de uma única pessoa, a memória é um fenômeno bem mais complexo e acessa diversas instâncias do passado, tornando-se um fenômeno coletivo, tão responsável quanto os livros de História por manter vivos os acontecimentos e fatos da história de um povo. Em *Memória e identidade social*, Michael Pollak (1992) corrobora tais considerações, ao dizer que

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 2)

Isso ocorre, pois, ao relatar determinado fato, enquanto memória, descrevemos uma realidade íntima e pessoal – já que explicitamos uma maneira particular de enxergar a realidade –, mas evidenciamos também aspectos deveras significativos da

realidade que nos cerca. Esse fenômeno fica nítido na narrativa no capítulo *Como foi vista, por mim, a Segunda Guerra Mundial, credo!*, em que Sylvia Orthof relata os fatos e as consequências dolorosas, sofridas pelos parentes e avós em função da Guerra que se estendia.

Um lembrete para trás... pulo no tempo e sou uma garotinha, acho que já estou no primeiro ano primário, mas misturo datas. Seria fácil averiguar, é só saber a minha idade, somar, diminuir, saber quando começou a guerra. Deixo o trabalho pra você. Acho que foi por volta de 1939, e se não foi, deve ter sido. Entendi pouco da coisa, ou quase nada. No Rio sei que começamos a comer pão de milho, faltava trigo. (ORTHOF, 2012, p. 51)

Os olhos de menina pouco compreendiam a situação que se desenhava, ela só tomava conhecimento das mudanças e as estranhas movimentações, como a chegada dos parentes e avós vindos da Europa, fugindo da guerra. Refugiados, eles vieram para o Brasil, sem ao menos conhecer o idioma: “– Eles estavam nervosos por causa da guerra, perderam tudo, são idosos, não falam português... vai ser difícil para eles...” (ORTHOF, 2012, p. 51), lhe dizia a mãe.

Os eventos subsequentes, as transformações e a dor que a garota sentia ao assistir seus avós viverem são os fios da trama que nos contam os horrores da guerra, que tiravam aquelas pessoas de seus lugares de origem, usurpava-lhes elementos tão significativos de sua própria identidade, e, descolados do seu lugar, passavam os dias até o fim. “Fui avisada para não falar alemão na rua. – Estamos em guerra – me foi explicado. [...] Naqueles momentos, ele (*o avô*) esquecia que era refugiado, tinha acessos de ira. Meu pai, irritado, saía de casa. O resto da família chegou também nas mesmas condições” (ORTHOF, 2012, p. 54-55, *grifo nosso*). A memória dos dias de sua infância se mescla aos relatos da Segunda Guerra Mundial: narrativas que se entrelaçam, as individuais e as coletivas, formando o todo da História de um povo. Mas, afinal, quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, seja ela individual ou coletiva? O sociólogo e pesquisador Michael Pollak, assim nos explica:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. [...] Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens.

[...] Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. (POLLAK, 1992, p. 2-3)

Na obra em questão, os relatos narrados se misturam na formação dessas memórias, que são, por vezes, vividas pessoalmente, em outros momentos, vivenciadas por intermédio dos avós e que se constroem em torno dos lugares de memória, como a casa em que viviam, os lugares de aventuras e tantos mais. A partir de tais evidências, podemos afirmar que a memória está intimamente ligada ao sentimento de identidade, seja ele individual ou coletivo, tendo em vista que ele é, também, um fator profundamente relevante no que diz respeito ao sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992).

Em função dessa busca pela construção de si, a narradora/personagem segue reunindo elementos que lhe fornecem as pistas sobre seu passado, como acontecem no momento em que, enfim, ela descobre a origem de sua família – já que não conseguira, antes, entender o que, para sua mãe, era óbvio:

Um dia, quando eu tinha 13 anos, minha mãe disse:
– Pois é, nós, os judeus... – Nós somos judeus, mãe?
Minha mãe me olhou com um olhar irado. Não entendi o olhar, voltei a pergunta: – Mãe, mas que coisa fantástica, me diga: nós somos judeus?
– E você, Sylvia, agora, depois de tanto tempo, vai fingir que não sabia?
E mamãe saiu da sala, indignada. Fiquei atônita: então era por isso que meu pai havia se oposto ao batismo? Por isso que a família fugiu da Europa? Nunca haviam me explicado. Realmente na minha percepção infantil, algo estava fora dos eixos, mas eu não sabia o que era. (ORTHOFF, 2012, p. 58)

A descoberta, ou, talvez, a tomada de consciência em relação à identidade de sua família impacta a vida de Sylvia, embora tenha enxergado essas peculiaridades de sua história tardiamente, elas a fizeram ressignificar sua própria história. O que percebemos é que há uma distinção significativa entre a cosmovisão adulta e a infantil, pois não ficou claro para Sylvia os acontecimentos que vivenciara naquele momento inicial. Já os seus familiares, com sua visão adultocêntrica, não enxergavam ou explicitavam ou não lhes era necessário ou conveniente expor para a menina, de maneira mais clara, o que se

passara. Dessa forma, a construção de conhecimento por parte da criança se torna mais difícil e, por vezes, limitado, já que esta não possui por si só as ferramentas e artifícios para essa compreensão.

Apenas por meio dessa aventura de se descobrir, ela finalmente entendeu acontecimentos marcantes de sua vida, como: o sofrimento dos avós, a perda de suas casas e, com ela, parte de sua própria história. Entendeu, também, a razão pela qual o pai ficou tão chateado quando, por intermédio de uma colega, ela se desesperou por nunca ter sido batizada e ter pedido à mãe para fazê-lo. Evidenciando que “a memória, bem como o sentimento de identidade nessa continuidade herdada, constituem um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas” (POLLAK, 1992, p. 5).

Mas a solução para o embate sobre sua religião lhe pareceu fácil resolver: “Hoje resolvi o problema: sou judia católica e pronto. As raízes hebraicas estão aí, tal como no Velho e Novo Testamento” (ORTHOFF, 2012, p. 59). E, assim, o “sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2019, p. 12). Sua mãe acreditava que qualquer pessoa deveria poder escolher sua própria religião e, usufruindo desse princípio de liberdade, a narradora/personagem constrói para si uma identidade mesclada da tradição familiar e de sua nova identidade construída.

Ao confrontar uma identidade a outra, percebemos que essa construção “é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p. 5). Por assim ser, como defende Pollak, a memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não devem ser sacralizadas como essências de uma pessoa ou de um grupo, justamente pelo fato de que as identidades são mutáveis, cambiantes (HALL, 2004).

Outra importante questão referente à memória diz respeito à sua não constância e ao processo quase inconsciente de seleção que sofre, visto que a memória é seletiva e não é tudo o que vivemos que fica gravado, não mantemos todos os acontecimentos (POLLAK, 1992), pelo contrário, o que armazenamos são aquelas situações que de alguma forma nos marcam, ou que, por ventura, se tornaram caras a nós.

Nessa perspectiva, no episódio em que Sylvia narra sua primeira menstruação, tomada por todos os sentimentos contraditórios e inquietantes daquela circunstância, fica nítida a inconstância do relato. Ela acreditava ter apenas um banheiro na casa de seu pai e se sentiu pressionada pelo amigo dele estar esperando na porta, mas anos depois em uma conversa com tal sujeito, o vê jurar que ela estava errada e que o apartamento tinha dois banheiros. Talvez pela complexidade da situação, a narradora apenas guardara em sua memória a tensão do fato vivenciado sem se ater na verdade sobre tais pormenores. Por isso, mais uma vez a autora/narradora/personagem afirma: “Fica a retificação. Mas o título do livro não é *Se a memória não me falha? Ora!*” (ORTHOF, 2012, p. 76).

Em um constante diálogo com o leitor, a narradora deixa claro o seu processo de escrita, demonstrando como é inconstante, impreciso e não linear esse processo. Em um ato confessional ela faz o seguinte relato: “Pensei que escrever acontecesse assim: a gente ia lembrando, lembrando e escrevendo, em sequência certa de tempo. Mas não é: a memória é um dos grandes mistérios” (ORTHOF, 2012, p. 80). Desse modo, vai se desenrolando a trama, obedecendo não ao fluxo narrativo linear, mas ao fluxo da memória, em idas e vindas, avanços, cortes, retrocessos:

É isso aí, começo a contar, me estrepo, falo de outras coisas. Eu ia contar de uma alface, pois é. Talvez por causa da alface, com suas folhas dobradas e enroladas, me alfacei e saí do assunto... ou não sai? Porque a vida é feita de vaivém, se a gente contar somente o vai, fica faltando o vem, e a coisa simples fica complicada não é?. (ORTHOF, 2012, p. 92)

Toda a construção da narrativa perpassa por esse caráter lúdico e brincalhão de Sylvia com a linguagem. No trecho apresentado, a autora faz uso de um neologismo bem engraçado que acaba por aproximá-la ainda mais do leitor jovem. Esse fato, que se repete em outros momentos em que, nessa linguagem fluida e descontraída, ela cita ditos populares e expressões corriqueiras, como ocorre na seguinte fala: “– Não posso, dei nó nas tripas... mas ABAFEI! (ORTHOF, 2012, p. 21)”. Durante a obra, notamos diversos diálogos que se constroem nessa atmosfera de intimidade e cumplicidade que se aproximam bastante de uma espécie de conversa entre amigos.

Nesse linear, percebe-se que memória é tão descontínua quanto passível de diferentes percepções, pois, ao narrar um acontecimento, a autora prevê que tudo é visto pelo seu ponto de vista, que não era único: “Credo, como é difícil escrever lembranças! Porque resolvi escrever usando os nomes verdadeiros e tudo fica assim, visto somente do meu ângulo. E eu me lembro do meu ângulo adolescente” (ORTHOF, 2012, p. 29-30). E mais adiante reafirma: “Éramos tão jovens... e nem sabíamos. Ficou de tudo isso uma lembrança diferente para cada um. Vejo, enquanto escreve, dentro da memória, o rosto rosado de uma francesinha: Josette, namorada de Geraldo, ou Renato? Não recordo mais. Era minha amiga... e tentava cantar samba, também” (ORTHOF, 2012, p. 96).

Como se pode notar, a memória é um fenômeno arquitetado, em nível individual, por meio de modos de construção que podem ser tanto conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização (POLLAK, 1992). Os percursos da memória e, por conseguinte, as construções identitárias que surgem de tais experiências vividas e relatadas, são extremamente dinâmicos e inconstantes, existem lacunas, falhas e eventos confusos que acabam por ser preenchidos por meio da imaginação, por meio do que o narrador imagina que teria ocorrido. Navegar pelas águas da memória é uma aventura que revela tanto o aspecto de uma narrativa individual quanto coletiva.

Enjoei de escrever, tchau!

Fazendo jus à maneira com que toda a narrativa é construída, Sylvia Orthof finaliza sua aventura de contadora de si, mantendo a leveza na construção literária e o diálogo próximo ao leitor, como em uma conversa entre amigos: “Agora, de repente, me bateu um enjoo de escrever. Acho que já contei demais. [...] Na verdade, enquanto durou, adorei o papo. É gostoso ficar imaginando você, como esse livro na mão” (ORTHOF, 2012, p. 105). A obra evidencia de forma bastante magistral a escrita de si, em que o pacto autobiográfico é mantido com o leitor do início ao fim, ao passo que a autora/narradora/personagem imerge nas conversas com o leitor e o chama para viver o processo de construção do próprio texto.

Ao imergir na leitura da narrativa, podemos depreender como os processos da memória são delicados e instáveis, já que não seguem uma linearidade, são fluxos contínuos que avançam e retrocedem à medida que se tecem as histórias, aventuras e desventuras da personagem/narradora. Diante disso, percebemos que existem diferentes formas de se enxergar uma realidade, tanto a sua e quanto a do outro, e todos os eventos de nossa vida vão marcando e nos auxiliando a formar a nossa identidade enquanto vai tornando-nos elementos importantes na manutenção, não apenas de nossas histórias, mas de nosso país e do nosso povo.

Diante do exposto, asseveramos a qualidade literária e a delicada construção de Sylvia Orthof, que de maneira sensível nos apresenta sua história em uma escrita gostosa e prazerosa. Como toda boa literatura, a obra em questão vem para servir como uma ferramenta de questionamento de realidades, das posições e preconceitos deveras relevantes, principalmente em função dos ideais de mudança que almejamos. Uma importante obra que serve, como toda arte, como forma de manter e valorizar as histórias, as pessoas e suas memórias!

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. *A literatura, o chamado “universo infantil” e a vida mesmo*. 2006. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Literatura-universos-vida.pdf>>. Acesso em: 10 setembro de 2021.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Goiás: *Revista de Teoria da História*, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

CECCANTINI, João Luís. Conflito de gerações, conflito de culturas: um estudo de personagens em narrativas juvenis brasileiras e galegas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 80-85, jul./set. 2010.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: FTD, 2013.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MACHADO, Ana Maria. *Uma, duas, três princesas*. Ilustrações Luani Guarnieri. São Paulo: Ática, 2013.

ORTHOF, Sylvia. *Se a memória não me falha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5 n° 10, 1992.

SANTOS, Yuri Andrei Batista. TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Autobiografia e (res)significação. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso* [online]. pp. 119-144 2020, v. 15, n. 2. Acessado em: 15/Julho/2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2176-457342467>>.

XAVIER, Alice Gomes. *O labirinto da memória: memória e esquecimento em obras da literatura juvenil brasileira*. 2013. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

THE PATHWAYS OF MEMORY AND IDENTITY IN THE WORK *SE A MEMÓRIA NÃO ME FALHA* BY SYLVIA ORTHOF

ABSTRACT

In this study, we pretend to realize a critical analysis of *Se a memória não me falha*, narrative in which Sylvia Orthof ventures into writing herself and her life experiences. We propose an appreciation of the narrative, covering issues such as identity and memory (individual and collective), the latter being an exercise in preservation, recovery and reconstruction of the experiences lived through the memorialistic rescue. We will access theoretical assumptions from Pollak (1992), Klinger (2007), Lejeune (2008) and Xavier (2013) analyzing how, through language, identities are delineated, helping in the construction and maintenance of an individual's history, group or people.

Keywords: Identity, memory, rescue, Sylvia Orthof.